

**DUARTE**, Fábio Bonfim (2007). *Estudos de morfossintaxe tenetehára*. Belo Horizonte: UFMG, FALE. Pp.211. ISBN 978-85-7758-012-5.

O livro objetivo desta resenha tem sua origem na tese de doutorado em lingüística defendida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais pelo professor e lingüista Fábio Bonfim Duarte (2003). O presente livro trata da língua tenetehára<sup>1</sup>. O autor chama atenção para os poucos estudos morfossintáticos existentes sobre a língua; nesse sentido, o objetivo principal do autor é, então, contribuir com a documentação da língua tenetehára. Tendo como base esse propósito, o autor divide o livro em 2 partes:

- i) a primeira, estritamente descritiva, é apresentada nos capítulos de 2 a 7, neles procura mostrar a estrutura morfossintática das sentenças em Tenetehára;
- ii) a segunda se inicia com uma breve apresentação tanto dos pressupostos teóricos do minimalismo (Chomsky, 1995) quanto da hipótese da anti-simetria da linearização dos constituintes sintagmáticos proposta por Kayne (1994), cujos conceitos teóricos são a base da análise apresentada nos capítulos de 8 a 12. Nestes, o autor busca explicar a presença da ordem VSO em orações interrogativas e independentes e o surgimento da ordem (S)OV em orações subordinadas. Segundo sua hipótese, ocorre um movimento longo do verbo para o complexo C/TP<sup>2</sup> em contextos nos quais não há realização morfológica do que ele chama de complementizadores e de sintagmas focalizados na periferia esquerda da oração.

Com base em Rodrigues (1984/1985), Duarte considera a língua tenetehára como membro do tronco lingüístico tupi, constituída por dois dialetos: o Tembé e o Guajajára.<sup>3</sup> As análises apresentadas têm sua origem em dados colhidos pelo autor com os Tembé, e os do Guajajára foram extraídos dos trabalhos de Bendor-Samuel (1972) e Harrison (1986).

Em termos de apresentação formal dos dados, observa-se que o autor, para um mesmo sintagma, muitas vezes não mantém uma uniformidade na apresentação das glosas, nem explica para seu leitor o motivo dessa variação<sup>4</sup>. Também muitos termos ao longo do livro não possuem definições teóricas, criando certa “confusão terminológica”<sup>5</sup>.

No capítulo 2, o autor traz algumas breves considerações sobre a fonologia da língua, apresentação de tabelas com o inventário dos fonemas consonantais e vocálicos (p. 26),

---

<sup>1</sup> Uma breve história dos Tenetehára é introduzida no primeiro capítulo mostrando que nos séculos XVII e XVIII eram constituídos por uma grande nação tupi-guarani que habitava os rios Pindaré e Caru no Maranhão. Atualmente, segundo o autor, a situação é de intensificação dos conflitos entre índios e não-índios e a área ocupada modificada a partir de demarcações, criação de reservas e divisão de aldeias.

<sup>2</sup> Para os objetivos desta resenha se manterá a siglas empregadas pelo autor do livro.

<sup>3</sup> Há, entretanto no texto, um uso um tanto indiscriminado dos termos ‘dialeto’ e ‘língua’ para referir-se a Tembé e Guajajára, ora tratando-os como língua, ora como dialeto (vide, por exemplo, nas páginas 72 e 73 onde aparece respectivamente - ‘...língua Guajajára..’ e ‘...dialeto Guajajára...’). Não há, todavia, uma definição do autor para os termos e seu uso.

<sup>4</sup> Apenas um exemplo: *kuri* na p. 49 (em 27 e 29 glosado como ‘então’); p. 59 (em 10 e 11 como ‘partícula resultativa temporal’ = ‘Res’); p. 78 (em 23 como ‘agora’) e na p. 144 (citado como ‘advérbio temporal’).

a ortografia dos fonemas usada na alfabetização dos Tembé, uma adaptação da ortografia do dialeto guajajára (p. 28). Nesse capítulo, encontram-se também umas breves linhas de comparação entre o sistema fonêmico, que aparece no *Dicionário de Tupi moderno* elaborado por Boudin (1966)<sup>6</sup>, e o sistema atual.

O capítulo 3 trata da morfossintaxe dos sintagmas subordinacionais. Em Tenetehára, a manifestação da quantificação nominal, núcleo do NP, pode ocorrer mediante diferentes processos, ora morfológicos ora sintáticos. O substantivo, núcleo do NP, geralmente ocorre acompanhado por adjetivos, demonstrativos e nomes possuidores que se combinam sintaticamente no interior do DP. A relação genitiva se dá pela anteposição do NP-possuidor ao NP-possuído; esses NPs exibem marcas flexionais para indicar a adjacência ou não do complemento, conforme a tabela dos Marcadores relacionais apresentada na página 39<sup>7</sup>.

No capítulo 4, dedicado à análise dos argumentos nucleares, o autor descreve a estrutura [VSO IO] como a mais recorrente nos textos narrativos. Identifica a existência de três tipos de verbos: transitivos, intransitivos (inergativos e inacusativos) e descritivos<sup>8</sup>. Para identificar a codificação dos argumentos nucleares, Duarte diz seguir a terminologia proposta por Dixon (1979), a saber: **A** = sujeito de verbo transitivo; **Sa** = sujeito de verbo intransitivo (inergativo e inacusativo)<sup>9</sup>; **So** = sujeito de verbo descritivo; **O** = objeto do verbo transitivo. Um fato importante que o autor sustenta, como acontece em outras línguas tupi-guarani, é que os sintagmas nominais no Tenetehára não recebem desinência de caso para distinguir os D/NPs na função sintática de sujeito e objeto. Essas funções, na análise do autor, são codificadas por prefixos nominativos e absolutivos e por meio de pronominais de pessoa que ocorrem como proclíticos verbais. Para as orações independentes, reconhece um sistema cindido de codificação dos argumentos nucleares.

O capítulo 7 está dedicado à descrição da ordem dos constituintes que ocorre nos dialetos tembé e guajajára. Para descrever a ordem em Guajajára, o autor se apóia na abordagem de Harrison (1986) e para o Tembé nos dados retirados de textos narrativos e elicitados realizados por ele. De acordo com Harrison (1986), a ordem predominante dos constituintes nas orações independentes do Guajajára é VSO e nas subordinadas é OV. No caso do Tembé, Duarte afirma que em 160 orações transitivas, extraídas de textos e de dados elicitados, se dá também a predominância de VO (como no Guajajára). Em se tratando

---

<sup>5</sup> *Kwed*, por exemplo, assinalado no capítulo 7 (p.92 a 94) como 'advérbio temporal' é citado na p. 138 como 'advérbio aspectual perfectivo'. No entanto, não há definições para as terminologias adotadas que, embora possam diferir teoricamente, são glosadas igualmente como IPASS, ou seja, passado recente.

<sup>6</sup> O autor não explicita se essa comparação é em termos de língua Tenetehára ou, ao contrário, uma comparação específica com os dialetos Tembé e Guajajára.

<sup>7</sup> Segundo o autor "com base na alomorfa desses prefixos, costuma-se, no estudo das línguas da família Tupi-Guarani subdividir os temas nominais, posposicionais e verbais em classe I e II" (p.39). Na p. 44, entretanto, ele esclarece: "Conforme Grannier (2005, p.139) esses prefixos assinalam relações entre os núcleos e seus argumentos. Embora não indiquem nem distinção de pessoas nem as funções que desempenham, do ponto de vista da estrutura interna do constituinte, eles marcam uma função argumental".

<sup>8</sup> Apesar dessa divisão apresentada, ao definir na p. 61 os verbos descritivos, o autor finaliza que "equivalem ao que a gramática gerativa define como verbos inacusativos".

<sup>9</sup> Aqui, o autor comete um erro terminológico, pois Dixon (1979) não define Sa em termos de inergativo e inacusativo.

das construções de gerúndio<sup>10</sup> com *pə* (cap. 5) e das orações subordinadas temporais com *mehe* (cap. 6), a ordem predominante apresenta as seguintes características:

- i) ordem OV;
- ii) a partícula subordinante é posposta ao verbo [OV[COMP];
- iii) o sistema de codificação dos argumentos é essencialmente (ergativo)-absolutivo.

Na segunda parte do livro, Duarte adianta uma breve revisão de pressupostos da teoria minimalista de Chomsky (1995) e da hipótese anti-simétrica proposta por Kayne (1994). Interessado em analisar a ocorrência da ordem VSO na língua tenetehára, o autor propõe, no capítulo 9, a hipótese da existência de movimento longo do verbo para o núcleo C°, possivelmente motivado pela presença de traços formais ininterpretáveis existentes em CP. Esses traços, segundo sua análise, parecem conectar-se com os diferentes tipos de sentenças interrogativas polares, ou com sentenças declarativas. Ele assume ainda que os DPs que ocupam a posição sintática de sujeito e objeto permanecem *in situ*, ou seja, internos ao complexo v-VP.

Entretanto, no capítulo 10, o autor apresenta evidências empíricas contrárias às conclusões do capítulo anterior (9). Observando os dados que mantêm as ocorrências do dêitico *aʔe* e do quantificador *wə* que também podem flutuar para o final da sentença, Duarte afirma que eles podem formar com o DP sujeito um constituinte maior, daí conclui que há evidências empíricas que apontam o deslocamento do sujeito para a posição de SPEC-TP. Da mesma forma, sugere que o objeto também se movimenta para SPEC-vP, posição em que recebe o caso estrutural (absolutivo/acusativo).

Explicar a posição sintática ocupada pelos auxiliares é o foco da análise do capítulo 11, partindo da abordagem anti-simétrica (Kayne, 1994) que assume uma estrutura básica [IP Aux<sub>[vp]</sub> SVO], mas não atestada em Tenetehára, pois os auxiliares e os verbos de movimento ocorrem após o verbo principal<sup>11</sup>. Nesse item, Duarte recorre às análises apresentadas para as línguas germânicas por Svenonius (2000) e Haegeman (2000), para responder às questões levantadas. Sua conclusão é que a derivação das construções transitivas com auxiliares em Tenetehára é alçada pelo movimento do verbo e seus argumentos para posições funcionais no âmbito do complexo TP-v-VP, combinando com a extraposição do TP para SPEC de AuxP (p. 157).

Por fim, no capítulo 12, a hipótese defendida referente à periferia esquerda da sentença é que a presença do prefixo (*i- ~ h*) e do sufixo (*-n(i) ~ -ø*) no verbo aponta para o fato de que o objeto focalizado é deslocado para uma posição A-barrá no domínio do sistema CP.

Como se pode notar, ao final da leitura do livro o que parece é que se tenta dar conta de muitos argumentos em um espaço relativamente pequeno e, em certos momentos, o próprio autor deixa claro que “não há espaço e tempo para determinadas discussões”.

<sup>10</sup> Note-se que o autor considera as orações de gerúndio “aproximadamente [equivalente] ao que as gramáticas tradicionais do Português classificam como sendo orações reduzidas de gerúndio e de infinitivo”. (p.56)

<sup>11</sup> Outras questões discutidas no capítulo dizem respeito: a) ao movimento do verbo lexical sem violar a condição de elo mínimo e b) ao ponto de derivação sintática em que os *traços-phi* de concordância são verificados entre o verbo lexical e o auxiliar (p. 142).

Disso resulta para o leitor uma sensação de que algumas análises necessitariam de maior detalhamento.

Outra observação a se fazer é que não há formalmente uma uniformidade nas entradas bibliográficas, revelando certo descuido na editoração. Ao longo do texto aparecem também alguns problemas semelhantes, por exemplo, na p. 86, em que a indicação OSV para apresentação dos dados se contradiz pela presença da ordem OVS logo abaixo antes das exemplificações em (8) e (9) (embora esses dados estejam apresentados corretamente).

Importa notar ainda a presença de um Anexo nas páginas 185 a 211 com seis narrativas tenetehára, que são relevantes para os interessados em corroborar ou não as análises e hipóteses do autor.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENDOR-SAMUEL, D. (1972) *Hierarchical structures in guajajara*. Norman: Summer Institute of Linguistics, University of Oklahoma.
- BOUDIN, M. H. (1966) *Dicionário de tupi moderno*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente.
- CHOMSKY, N. (1995) *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- DIXON, R. M. W. (1979) Ergativity. *Language* 55:59-138.
- DUARTE, F. B. (2003) *Ordem de constituintes e movimento em tembé: minimalismo e anti-simetria*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG.
- GRANNIER, D. N. (2005) A natureza dos prefixos relacionais em guarani antigo. In Aryon Rodrigues; Ana S. Cabral (orgs.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*, pp. 129-140. Brasília: Editora UnB.
- HAEGEMAN, L. (2000) Verb movement and OV order. In P. Svenonius (eds.). *The derivation of VO and OV*, pp. 69-96. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- HARRISON, C. (1986) Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In D. Derbyshire; G. K. Pullum (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*, pp. 407-439. Berlin: Mouton de Gruyter.
- KAYNE, Richard S. (1994) *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- RODRIGUES, Aryon D. (1984/1985) Relações internas na família linguística tupi-guarani. *Revista de Antropologia* 27/28:33-53.
- SVENONIOUS, P. (2000) Introduction. In \_\_\_\_\_. *The derivation of VO and OV*, pp. 1-27. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.